

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER
14 e 16 de Dezembro de 2022

HONOR AMONG LOVERS / 1931
(Honra de Amantes)

Um filme de Dorothy Arzner

Realização: Dorothy Arzner / Argumento: Austin Parker e Gertrude Purcell, baseado numa história do primeiro / Direcção de Fotografia: George J. Folsey / Direcção Artística: Charles M. Kirk e J. Franklin Whitman / Guarda-Roupa: Caroline Putnam / Música: Vernon Duke e Johnny Green / Som: C.A. Tuthill / Montagem: Helene Turner / Interpretação: Claudette Colbert (Julia Traynor), Fredric March (Jerry Stafford), Monroe Owsley (Philip Craig), Charles Ruggles (Monty Dunn), Ginger Rogers (Doris Brown), Avonne Taylor (Mabelle Worthington), Pat O'Brien (Conroy), Janet McLeary (Margaret Newton), Ralph Morgan (Riggs), etc.

Produção: Paramount / Cópia 35mm preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 77 minutos / Estreia em Portugal: 14 de Junho de 1933.

Em **Honor Among Lovers** começa por se reparar na excelência do elenco, todos em variações mínimas e controladas sobre as suas personae típicas, já estabelecidas em 1931 ou a caminho disso – o que vale para a dupla Claudette Colbert / Fredric March, vale ainda mais para um secundário genial como Charles Ruggles (com os seus modos de comic relief mesmo quando a personagem, como é o caso, não está lá para ser só comic nem só relief), vale um pouco menos para uma atriz como Ginger Rogers, que ainda tinha (e a restante década de 30 encarregar-se-ia de o fazer) um estatuto e uma presença por firmar. Ver os actores, como tantas vezes acontece no cinema clássico americano, é um espectáculo dentro do espectáculo, e toda a gente aqui está na melhor forma.

Repara-se a seguir que **Honor Among Lovers** tem alguns condimentos típicos do cinema do tempo da Grande Depressão, espécie de fábula capriana de contornos mais trágicos e menos mágicos, que sem perder o sentido do Bem e do Mal os trata com uma certa crueza que, no entanto, nunca cai no cinismo – a graça triste dos planos finais, com Colbert e March finalmente juntos depois de um árduo e magoado caminho, é a garantia de uma crença nas personagens e nos seus sentimentos que os põe (às personagens e aos sentimentos) ao abrigo de toda a consideração cínica. Embora Arzner tenha mais que tempo para demonstrar a sua desconfiança, o seu julgamento, a sua distância, em suma, para com o mundo em que eles evoluem, o mundo “corporate”, o mundo da finança e dos negócios, onde o dinheiro (um tema crucial no cinema da Depressão) joga um papel fundamental. A “honra”, diz o título, e sendo certo que ela existe “entre amantes”, começa por existir sobretudo da personagem de Colbert para si mesma, quando recusa a oferta de March para se casar com o mais sombrio Monroe Owsley, um gesto de independência (os filmes de Arzner falam bastante de uma

espécie de círculo sem saída para as mulheres do seu tempo) que a coloca, inadvertidamente, noutra relação de dependência, que para ser quebrada exigirá uma série de caprichos do destino, tragédias e equívocos. Arzner cuida da personagem de Colbert tão bem como qualquer “women’s director” do seu tempo (que eram bastantes), atenta aos pequenos gestos e à capacidade expressiva dos enquadramentos (os planos muito abertos de Colbert em casa, como se perdida lá dentro) para transmitir, mais do que por palavras, a profunda e crescente solidão daquela mulher.

E evidentemente, terceira coisa que é preciso notar, a partir dos próprios contornos bastantes explícitos da narrativa, das suas ambiguidades sentimentais e matrimoniais, da própria violência que invade a esfera conjugal, é que o filme (como outros de Arzner) tem aquela franqueza sem subterfúgios, e sem infantilização, que era típica do cinema dos anos pré-código.

Luís Miguel Oliveira